

TELEVISÃO, MODERNIDADE E VIDA QUOTIDIANA: discussão sobre o trabalho de Roger Silverstone face a diferentes contextos culturais

TUFTE ,Thomas

RESUMO

Como a televisão entra, influencia e, portanto, contribui para a constituição social, cultural e econômica das nossas vidas diárias? O que nós aprendemos com a mudança qualitativa nos estudos empíricos de mídia nos últimos 15-20 anos? É possível estabelecer diretrizes analíticas para tais estudos? E quais são as possibilidades e limitações ligadas ao desejo de fazer generalizações sobre televisão e vida quotidiana nas modernas sociedades contemporâneas? Discute-se esta questão principalmente em referência a dois aspectos que considera-se chaves em qualquer análise relacionada à televisão e vida quotidiana.

Palavras-chave: Recepção. Estudos Culturais. Etnografia.

1 INTRODUÇÃO

"No Ocidente e em outras sociedades, por trás das portas da frente fechadas, a televisão e outras tecnologias de informação e comunicação são consumidas e usadas, imagina-se que, de um modo comum e único". (Morley e Silverstone, 1991:4)

No Paraguai, havia uma família muito pobre, que morava em uma pequena casa de tijolos. A única hora do dia em que sua porta da frente estava fechada era durante a noite, enquanto as pessoas dormiam. No restante do tempo, a porta da frente estava sempre aberta. A maioria das atividades domésticas ocorria do lado de fora, fosse cozinhar ou jantar (no quintal dos fundos), tomar banho (do lado da casa) e não menos: assistir à televisão. O uso e consumo que eles faziam da televisão se dava com maior frequência na frente da porta da frente e não por atrás dela. Noite após noite, quase o ano todo, a família moradora desta casa colocava seu aparelho de TV no pátio da frente, com uma fileira de cadeiras de jardim de plástico verde ao redor do aparelho, e lá eles sentavam e relaxavam na brisa da noite enquanto assistiam à televisão, conversando, com as crianças brincando ao redor.

A organização do lugar e o espaço em frente ao aparelho de TV neste exemplo parece ser fundamentalmente diferente daquela apontada por Morley e Silverstone na citação acima. A porta da frente estava raramente fechada. A vida era amplamente vivida do lado de fora da casa, com limites não definidos entre as esferas públicas e privada, dando uma "ambientação" muito rural à sua vida na paisagem urbana de Assunção. Este exemplo da porta da frente pode parecer um detalhe, mas é uma ilustração significativa da complexidade e variedade de como a televisão entra nas vidas diárias da audiência em diferentes contextos culturais.

Como a televisão entra, influencia e, portanto, contribui para com a constituição social, cultural e econômica das nossas vidas diárias? O que nós aprendemos com a

mudança qualitativa nos estudos empíricos de mídia nos últimos 15-20 anos? É possível estabelecer diretrizes analíticas para tais estudos? E quais são as possibilidades e limitações ligadas ao desejo de fazer generalizações sobre televisão e vida cotidiana nas modernas sociedades contemporâneas? Discute-se esta questão principalmente em referência a dois aspectos que considera-se chaves em qualquer análise relacionada à televisão e vida cotidiana.

1. Primeiro, a questão da domesticidade e a domesticidade dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão. O que nós entendemos por domesticidade, e até onde podemos considerar que os meios de comunicação de massa sejam domésticos? Até onde esta questão está relacionada à modificação dos limites entre as esferas pública e privada? A domesticidade tem significados diferentes em situações culturais diferentes, por exemplo, na vida semi-pública da família paraguaia acima descrita, quando comparada com a vida das famílias britânicas ou nórdicas, "enfiadas" atrás das portas? Isto nos leva à segunda questão:

2. Qual o papel sócio-cultural da televisão na constituição dos subúrbios ou vizinhanças, e vice-versa? A cotidianidade e popularidade da televisão estão relacionadas a um modo específico de vida suburbana? Até certo ponto pensa-se que sim, mas então, até onde é possível generalizar, quando comparamos "modos suburbanos de vida" nos subúrbios urbanos das grandes metrópoles latino americanas com o que os anglo-saxões entendem por subúrbio e vida nestes subúrbios? A discussão sobre as reflexões do estudioso inglês, Roger Silverstone, sobre isto, comparadas com os pensamentos do estudioso colombiano Jesus Martin-Barbero, serão úteis neste debate.

2 SIGNIFICADO E APLICABILIDADE GLOBAL DOS ESTUDOS CULTURAIS BRITÂNICOS

Este artigo surgiu após a leitura do livro quase clássico de Roger Silverstone "Television and Everyday life", publicado em inglês em 1994 e em espanhol em 1996, um dos livros mais recentes sobre estudos de mídia dentro da tradição mais atual dos Estudos Culturais Britânicos. Ao refletir sobre as discussões de Silverstone e ao analisar as descobertas no estudo de Ph.D. - um estudo etnográfico sobre o uso cotidiano das telenovelas pelas mulheres brasileiras (Tufte, 1994) - encontrou-se alguns pontos onde a abordagem de Silverstone parecia limitada em sua aplicação no Brasil, e em outras realidades latino americanas estudadas. Este artigo busca expor algumas destas limitações, mas quer, também, demonstrar o quanto inspirador e útil pode ser o livro de Silverstone como ferramenta teórica em estudos de mídia, empíricos qualitativos.

"Television and Everyday Life" é uma análise criteriosa e abrangente sobre o

ponto em questão, um tipo de síntese teórica da "mudança qualitativa" vista nos estudos culturais anglo-saxônicos nos últimos 15-20 anos. Vistos em retrospectiva, os estudos de mídia empíricos, dentro desta tradição anglo-saxã dos Estudos Culturais, têm tido, desde 1980, cada vez mais uma orientação metodológica qualitativa, com o objetivo de revelar a complexa relação entre a mídia e a audiência. O reconhecimento da polissemia do texto (Hall 1973 / 1980), o processo de recepção ativa (Morley 1980, Radway 1984, Ang 1985, Jensen 1986, etc.), a intertextualidade (Fiske 1987) e a crescente análise etnográfica do papel mediador da comunicação de massa baseada no contexto (Lull 1980, 1988, 1990, Morley 1986), estão entre as principais descobertas e assuntos estudados dentro desta linha de pensamento.

Os estudos etnográficos de mídia estão - como no trabalho sobre teorias de mediação do latino americano Martin-Barbero (por exemplo Orozco 1991 e 1994. Para introdução geral ver Tufte 1996b) -, concentrando, cada vez mais, suas análises no papel mediador que da mídia na vida cotidiana (veja por exemplo Moores 1993 e 1996, e crítica de Moores 1993 em Lull 1996). Deste modo, em uma relação produtiva entre os estudos empíricos qualitativos e as reflexões e discussões teóricas, os pesquisadores culturais e de mídia estão progredindo na tentativa de revelar as complexidades da relação entre a mídia e a audiência. Neste contexto, o livro de Roger Silverstone torna-se um resumo pertinente do conhecimento produzido e uma excelente análise da relação entre o meio mais estudado nas últimas décadas, a televisão, e o cotidiano. Ele apresenta-se como uma ferramenta muito útil em uma análise cultural do papel da televisão na vida cotidiana.

Dito isto, precisa-se acrescentar, que é importante deixar claras as premissas e estar criticamente ciente sobre os contextos epistemológicos e culturais nos quais se desenvolve o trabalho de Silverstone. "Importar" seus conceitos e categorias para outros ambientes culturais e escolas acadêmicas diferentes dos Estudos Culturais Britânicos, onde seu trabalho foi desenvolvido, provavelmente trará muitos problemas. James Lull recentemente levantou uma crítica polêmica com relação à tradição dos Estudos Culturais Britânicos, dizendo que a "miopia cultural dos estudos culturais, inadvertidamente produziu um discurso intelectual e uma prática acadêmica imperialista" (Lull 1996: 10), ao mesmo tempo que criticou a falta de competência metodológica em muitos estudos etnográficos desta linha de pensamento. Lull, todavia, excluiu o ambicioso projeto etnográfico de Morley e Silverstone "Domestic technologies", que nunca foi realizado empiricamente. Este artigo segue a linha de pensamento de Lull, embora de uma forma menos polêmica.

Roger Silverstone parece estar ciente do problema, e repetidamente chama a

atenção para os perigos de universalismo, reducionismo e imprecisão histórica em sua análise. Entretanto, como tem ocorrido com certa frequência, tais livros são publicados, traduzidos e vendidos pelo mundo todo. Nos últimos anos tem havido um estouro virtual de uso internacional de estudiosos britânicos, e portanto, também na América Latina. Como parte deste estouro, pode-se dizer que este artigo, por um lado, apresenta alguns dos conceitos principais de Silverstone. Por outro lado, é uma reflexão crítica sobre a "confusão conceptual" potencial e a limitada aplicabilidade de sua teoria e análise ao efetuar-se estudos de mídia empíricos qualitativos em outros ambientes culturais, por exemplo na América Latina. Todavia, voltemo-nos à substância, uma apresentação da discussão de alguns dos conceitos de Silverstone, primeiramente aquele de domesticidade.

3 DOMESTICIDADE E A MÍDIA

Assistir ao noticiário, a um programa humorístico, a uma novela ou a um filme são atividades que geralmente acontecem no lar. É uma atividade doméstica - a maioria de nós é capaz de concordar com esta afirmativa. Em uma pesquisa sobre os usos domésticos das tecnologias de informação e comunicação, David Morley e Roger Silverstone vêem a televisão como um meio essencialmente doméstico, dizendo que deve ser entendido tanto dentro do contexto de domesticidade e família, como dentro do contexto mais amplo das realidades políticas, sociais e econômicas. Devido à mudança do papel da televisão na moderna sociedade contemporânea, eles defendem que deve ser dada ênfase aos estudos contextualizados sobre televisão. A televisão deve ser vista como "encerrada dentro de uma cultura técnica e consumista, que é tanto doméstica como nacional (e internacional), uma cultura que é ao mesmo tempo privada e pública" (Morley e Silverstone 1991:3). A noção de domesticidade, dizem eles, deve refletir esta contextualização.

Continuando esta linha de pensamento, Silverstone desenvolve em seu livro "Television and Everyday Life" (1994), uma estrutura geral de análise para estudos empíricos referentes à TV e vida quotidiana. Ele amplia a análise da televisão como um meio doméstico, apresentando três dimensões de domesticidade; lar, representando a realidade fenomenológica; família, a realidade social e moradia a realidade econômica. Ele também analisa a domesticidade em um contexto histórico ao abordar como a vida doméstica desenvolveu-se e ganhou importância cultural e comercial (na Europa) no início do século XIX. Foi dentro da burguesia que criou-se um espaço de lazer puro e atividade doméstica. Pela primeira vez, o espaço de vivência tornou-se distinto do local

de trabalho (Benjamin 1976/1983 em Silverstone 1994:176). O relato histórico de domesticidade de Silverstone (europeu) e sua conceituação de TV e domesticidade é interessante, fornecendo uma reflexão teórica ao que ele aparentemente procura em seu trabalho: realizar uma antropologia da audiência de TV (veja também Silverstone 1990).

Lar

O lar, diz Silverstone, é um construto. Ele origina uma série de interesses fenomenológicos sobre como a televisão influencia a vida cotidiana no lar. Primeiramente, a mídia eletrônica contribui para quebrar os limites, entre sexos e, mais genericamente, entre as esferas pública e privada, contribuindo deste modo, para um deslocamento de espaço para lugar; lar e limite de alcance desenvolvem-se separadamente. O pesquisador de mídia americano, Joshua Meyrowitz, faz uma análise profunda desta relação lugar-espaço (Meyrowitz 1985). Esta análise é criticada - corretamente eu diria - pela generalização exagerada, pois ele não se aprofunda o suficiente em sua análise da "qualidade do toque" ao discutir os processos de separação entre espaço e lugar (Silverstone 1994:30).

Em segundo lugar, a segurança ontológica das pessoas é influenciada pela simples presença de um aparelho de televisão ligado, e pelos programas repetitivos e reconhecíveis que dele fluem. O lar é a morada de sua vida cotidiana, e o aparelho de TV fortalece este sentimento (Leal 1986). Em terceiro lugar, o lar é também um ambiente simbólico que lhes fornece uma identidade. A simples aquisição de um aparelho de TV, ou um outro eletrodoméstico, tem uma forte influência simbólica na identidade das pessoas. A relação entre o lar e a identidade pode também ser fortalecida através da mediação de imagens de domesticidade das novelas, programas humorísticos, etc.

No conjunto, a televisão influencia a constituição do lar de três maneiras: 1) a relação entre lugar e espaço na vida cotidiana; 2) a segurança ontológica da audiência e 3) lar e identidade. O lar, com razão, torna-se um construto, um ideal mesmo, que, no mundo todo, as famílias lutam por obter. Todavia, a concepção de lar, sem dúvida, varia entre as famílias pelo mundo todo. Voltaremos a isto mais tarde.

Família

A dimensão familiar de domesticidade, de acordo com Silverstone, reflete a relação dinâmica entre a TV e as pessoas que moram dentro dos lares. A família tem sido tradicionalmente o local social onde acontece grande parte do consumo de mídia e tem, portanto, sido o principal grupo social abordado pelos estudos de mídia empíricos qualitativos (veja Lull 1980, 1988 e 1990, Morley 1980 e 1986. Veja também por

exemplo Barrios 1988, 1992).

As famílias são, entretanto, entidades problemáticas, tanto em termos de sua composição como em relação a sua característica de transformação. Os limites não são claros - aspectos como sexo e idade a influenciam, entrando em jogo também a perspectiva de relações de poder, por exemplo, em uma análise de escolha de programas (Seiter e colab. 1989). Todas estas questões são fundamentais para a família como uma unidade social. A despeito destas dificuldades conceptuais, o uso da televisão pelas famílias tem sido altamente analisado - com variação de foco; os usos estruturais e relacionais da TV (Lull 1980), o relacionamento entre televisão e tempo da família (Bryce 1987) e relações entre a família e a TV (Morley 1986).

Um dos aspectos centrais no crescente interesse pelas dinâmicas entre família e televisão tem sido o reconhecimento do papel mediador da família em relação à como o conteúdo da televisão entra e influencia a vida quotidiana. Este reconhecimento tem tornado possível identificar a família como "um espaço cultural, no qual as mensagens da mídia são mediadas" (Silverstone 1994:38).

Os estudos sobre as mulheres brasileiras de baixa renda e suas famílias e moradias resultaram em conclusões semelhantes, mostrando que a televisão, em muitos casos, foi colocada na esfera mais social da moradia. Uma esfera híbrida dominada pela família, onde o modo de viver com o aparelho de TV e com as telenovelas influenciou a articulação e constituição de culturas híbridas (Tufte 1994:301 ff).

Concluindo este ponto, a família - a despeito de ser um conceito problemático para se trabalhar - constitui uma unidade social central na relação entre televisão e vida quotidiana. A televisão é entrelaçada com a vida quotidiana da família de vários modos, e a tal ponto que, em alguns casos, o uso social do fluxo de televisão, por exemplo das telenovelas, cria esferas interpessoais que se estendem para as relações sociais da vida quotidiana.

A Moradia

A terceira e última dimensão de domesticidade é a da moradia. Igualmente sensível em relação às redefinições subjetivas e diferenciações culturais e históricas, como lar e família, a moradia é uma unidade econômica relacionada ao mundo doméstico. A moradia é considerada por Silverstone a economia moral, como definida pelo falecido historiador inglês, E.P. Thompson. Thompson usa o conceito para descrever como, na Grã-Bretanha, no século XVIII, formas tradicionais de atividade econômica foram mantidas entre a classe pobre rural e urbana, em contradição à sociedade industrial emergente e economia de mercado (Thompson 1971). De acordo com essa linha de

pensamento, Silverstone define moradia como unidade econômica e cultural:

[...] embora sua posição material estabeleça limites profundos para as oportunidades disponíveis de consumo e auto-expressão, dentro destes limites e, de alguma forma, algumas vezes, além deles, as moradias podem ser definidas por si próprias como um ambiente estético, avaliador, emocional, moral, privado e público - um modo de vida - do qual eles dependem para sua sobrevivência e segurança tanto quanto dependem de seus recursos materiais (Silverstone, 1994:490).

Os meios de comunicação de massa entram em uma relação dialética com a economia moral da moradia, refletindo tanto as características culturais como a capacidade econômica básica da moradia.

Domesticidade - entre o público e o privado

Uma das tendências mais características no desenvolvimento geral das sociedades modernas, sejam elas de qualquer parte do mundo, é a tendência ao crescente isolamento e remoção da domesticidade do fluxo principal desta sociedade. Nesse processo, os meios de comunicação de massa têm um papel fundamental de mediador entre as esferas pública e privada, entre tradição e modernidade, entre urbano e rural e entre o individual e o coletivo. As formas mediadas tornaram-se agentes cruciais na constituição da organização das relações sociais e de tempo e espaço onde, como observado por Silverstone (1994), Lull (1995), Thompson (1996) e outros, o doméstico torna-se alcançável apenas através de formas de comunicação técnicas e altamente mediadas. O sociologista anglo-americano, John B. Thompson, em seu livro "The Media and Modernity - social theory of the Media" (1995), amplia a análise das esferas mediadas e, portanto, do papel da mídia na reconstituição da esfera pública.

Em tempos de transformações dos limites entre as esferas pública e privada, Silverstone defende a relevância de continuar-se a falar de doméstico, enfatizando domesticação como "um processo pelo qual nós nos apropriamos das coisas, sujeitando-as ao nosso controle" (Silverstone 1994: 174), um processo que não é nem exclusivamente parte da esfera pública, nem da privada, mas que acontece no cruzamento das duas. A televisão é tanto objeto como meio dentro desta domesticidade.

A observação principal a se fazer em relação ao conceito de domesticidade de Silverstone é baseada na perspectiva ocidental implícita que orienta sua análise e, que acreditamos, torna-se uma limitação na análise de outras sociedades. Talvez seja mais limitada que uma "perspectiva ocidental" - trata-se de uma perspectiva inglesa, baseada em horizontes e desenvolvimentos conceituais enraizados na sociedade

inglesa, principalmente com referências à história e sociedade inglesa ou, ocasionalmente, com referências de fora da Inglaterra.

Em termos concretos consideramos que é especialmente difícil generalizar sua noção de "lar". Os aparentes problemas de definição e aplicação de um conceito geral de família, observados pelo próprio Silverstone, também resultam em limitações. Vamos comentar esse conceito de lar. Ele enfatiza que lar é um lugar, não um espaço - obviamente uma noção limitada à territorialidade. É uma base dividida em três domínios experimentais: um espaço privado de e para recordações e solidão, um lugar social para a vida familiar, e um lugar físico para conforto e segurança (28). Todavia, noções de privacidade, família e conforto/segurança podem muito bem ter significados diferentes em diferentes meios culturais. Lar como um construto pode consistir de formas muito diferentes de trabalhar com recordações e solidão. Formas diferentes de sociabilidade podem ampliar o conceito de família além dos seus limites. Finalmente, conforto e segurança são conceitos tão relativos que fazem com que "lar" se torne difícil de construir em termos gerais. Vejamos alguns exemplos:

Lar como um construto varia de um morador branco de classe média norteamericano para um mestiço urbano de baixa renda morador das metrópoles latino americanas, de camponeses em regiões distantes do mundo para vários grupos de cosmopolitas nos grandes centros urbanos. Pense também no exemplo paraguaio inicial. Em todos estes casos, suas noções de lar diferem substancialmente, o mesmo acontecendo com o papel da TV nas suas vidas diárias.

Alguns imigrantes das áreas rurais continuam, por gerações, a considerar sua região, vila ou lugar de nascimento e origem como sendo seus lares, a eles retornando na época da colheita, embora passem a maior parte do ano trabalhando em uma cidade "longe do lar". O mesmo acontece com cosmopolitas (sejam eles burocratas, políticos, empresários, intelectuais, jornalistas, diplomatas ou outros): "Talvez os verdadeiros cosmopolitas ... não estejam nunca realmente no lar, da forma como o lugar real pode ser. O lar é tomado por certo, mas ... os cosmopolitas podem não notar nem as estações do ano, nem os pequenos rituais da vida quotidiana como absolutamente natural, óbvio, e necessário" (Hannerz 1996, cap. 9). Aqui lar não é baseado em territorialidade, e o papel da televisão em relação ao construto de lar é muito diferente.

A luta entre lugar (lar) e des-localização (placelessness) é uma luta entre modernidade e pós-modernidade? Silverstone sugere esta idéia, e sugere que a nossa luta diária inclui uma luta para manter um lugar, ou um lar, em um mundo de crescente des-localização. Seguindo esta linha de pensamento, pode-se acrescentar:

estaremos talvez indo em direção à algum tipo de sociedade composta por pessoas sem lar (homelessness) no mundo pós-moderno?

Os nossos construtos de lar estão mudando, e talvez tornando-se menos limitados pela territorialidade. Enquanto isso, como observa James Lull, por um lado, "os lugares e estilos de territórios culturais mudaram no mundo moderno", mas por outro lado, "as pessoas ainda se organizam culturalmente, procurando estabelecer suas identidades culturais e sentirem-se seguras" (Lull 1995: 159). É sobre a análise de Giddens sobre os "processos de desenraizamento", onde as relações sociais são elevadas para fora dos contextos locais de interação e reestruturadas "através de espaços indefinidos de tempo e espaço" (Giddens 1990:21) que, tanto Silverstone quanto Lull refletem. Ao denominar o processo como um processo de reterritorialização, Lull interpreta a situação de uma forma menos temível do que o que notei na análise de Silverstone. "A reterritorialização cultural ... não é algo feito pelas pessoas sobre o que elas não têm controle" (Lull 1995: 159).

Com relação à análise de Silverstone de família, ele próprio chama atenção para muitos dos problemas ligados à tentativa de definição do conceito de família. É uma entidade problemática devido tanto à composição das famílias, como ao seu caráter de transformação pelo mundo afora. Silverstone atenta, por exemplo, para o fato de que dois terços das moradias no Reino Unido contém grupos sociais (ou indivíduos) que não se encaixam no modelo de uma família nuclear (Silverstone 1994: 33)! Portanto, talvez fosse mais útil trabalhar com o conceito de comunidades interpretativas. Silverstone reconhece que este conceito está sendo cada vez mais utilizado pelos pesquisadores, embora ele continue a trabalhar com o conceito de família.

No caso de Ph.D. (Tufte, 1994), o conceito de moradia está concentrado como um momento de mudança na seleção dos indivíduos para o caso em estudo. O conceito de moradia é onde também vemos a aplicabilidade geral menos problemática dentro das subcategorias de domesticidade de Silverstone. Moradias definidas como um "meio ambiente", nos termos estabelecidos por Silverstone anteriormente neste artigo, fornece um ambiente flexível, que é determinado por características econômicas e culturais e, portanto, útil na maioria dos contextos culturais.

A despeito dos pontos críticos acima mencionados, no contexto de transformação das práticas comunicativas nas sociedades modernas, e com as mudanças nas maneiras de organização do tempo, espaço e relações sociais, a análise de domesticidade permanece um aspecto central da análise empírica qualitativa da mídia.

Com a introdução de novas tecnologias - sejam elas TV a cabo, computador pessoal, telefone celular ou aparelhos de vídeo - na vida de muitas pessoas, a realidade sócio-cultural e econômica que constitui a domesticidade é constantemente desafiada. Tanto a tecnologia como tal, suas possibilidades para aumento de comunicação intercultural, como o aumento e diversificação de oferta de programas, são elementos que estão mudando as nossas vidas, e a maneira de organizar nossos lares, nossas famílias e outras comunidades interpretativas, e nossas moradias. Da mesma forma, o aumento da comunicação global desafia o grau e caráter de domesticidade de nossa mídia.

Dada esta situação, está tornando-se cada vez mais pertinente realizar estudos empíricos de mídia a fim de revelar as reconstituições das esferas públicas e privadas, e para melhor entender os processos de mediação nas (e para) as sociedades modernas. Sendo assim, assegurando uma análise contextualizada que reflita a atual transformação da sociedade moderna, a domesticidade mantém sua relevância ao analisar-se a televisão e a vida quotidiana.

Todavia, enquanto a domesticidade permanece um interessante, ainda que problemático, conceito a ser usado nos estudos sobre televisão e vida quotidiana, o conceito de subúrbio, e a noção de um "modo de vida suburbano" genérico, ao qual Silverstone liga sua compreensão de domesticidade, contém uma série de conotações que dificultam seu uso, por exemplo, na América Latina. Essa crítica será elaborada a seguir.

4 HIBRIDIZAÇÃO SUBURBANA DE MODERNIDADE?

"O subúrbio foi uma tentativa, pela e para as classes médias, de ter o melhor de dois mundos: o campo e a cidade". (Silverstone 1994: 58)

Lares, famílias e moradias - a nossa domesticidade - é apenas um aspecto das nossas vidas quotidianas. Todavia, todos nós moramos em uma espécie de comunidade, seja em bloco de apartamentos, em casas típicas do subúrbio, nas favelas, em uma concentração urbana de casas de baixa renda, ou seja lá onde for. A nossa vizinhança denota estilos de vida diferentes, condições sócio-econômicas diferentes, práticas culturais diferentes na vida quotidiana. Em algumas comunidades há mais contato social e um verdadeiro senso de comunidade. Em outras pode não haver nada comunitário, cada família ou cada indivíduo pode viver muito isolado. Um denominador comum é que todos eles possuem pelo menos um aparelho de televisão em suas casas.

A despeito destas diferenças em estilos de vida, ..., Silverstone, de uma forma

altamente provocadora, defende a existência de um "modo de vida suburbano" genérico, onde a televisão é um meio suburbano. Ele defende que a "suburbanização" das culturas e sociedade no século XX é um processo de desenvolvimento fundamental na sociedade, onde a televisão têm um papel central: "televisão não é apenas o produto da suburbanização no mundo moderno, mas é, em si, suburbanizadora".

Agora, como o processo geral de suburbanização corresponde à diversidade de comunidades nas quais vivemos nosso cotidiano? Como esta análise geral se encaixa nas sociedades altamente polarizadas como as da América Latina? O que se argumenta aqui é que eles não correspondem, que Silverstone força uma generalização perigosa defendendo implicitamente a não-existência de um processo uniforme de desenvolvimento sócio-cultural e político-econômico no mundo, que incluiria usos sócio-culturais genéricos e impacto da televisão. Sendo assim, se, por um lado, Silverstone revela um alto conhecimento sobre a relação entre televisão e processos de desenvolvimento de suburbanização em algumas sociedades do Ocidente como a inglesa e a americana, ele, de certa forma, também falha ao extremo do reducionismo e universalismo sobre o que ele mesmo alerta. Elaboremos estes pontos, voltando primeiramente à questão de como Silverstone define "subúrbio".

Subúrbios e privatização móvel

"O subúrbio" é uma invenção inglesa dos tempos do colonialismo. Foi um produto tanto da história colonial, como da industrialização. Os primeiros subúrbios foram construídos em Calcutá em fins de 1770. Eles eram "casas livres, bem-ventiladas ... em uma parte aberta da cidade", construídos para os empregados da Companhia das Índias Orientais. A idéia, a função e a estética destas casas rapidamente se espalharam para Londres, que naquele momento experimentava uma urbanização precoce. Sendo assim, originados nos tempos coloniais, os subúrbios rapidamente passaram a representar uma forma de viver, uma organização de tempo específica, relações sociais e de espaço ligadas ao processo de industrialização, e mais explicitamente, no século XX, ao projeto de modernidade:

Às margens da cidade, absorvendo o campo, fornecendo unidades únicas de moradias familiares para a classe média e para aquelas que aspiram tornarem-se classe média, o subúrbio oferecia um sonho padronizado, agrupado em unidades padronizadas (prédios e componentes pré-fabricados tornam-se comuns), dentro das quais, todavia, os indivíduos poderiam, e o fizeram, expressar sua própria individualidade (Silverstone, 1994:59).

Partindo-se da análise de Raymond Williams sobre televisão como tecnologia e forma cultural, Silverstone discute as duas tendências, embora paradoxais, fortemente

ligadas, de aumento de mobilidade e lares de famílias cada vez mais auto-suficientes, sintetizado por Williams no conceito de privatização móvel (Williams, 1975:26). Silverstone desenvolve o conceito de Williams ao construir uma análise muito contextualizada deste. Basicamente, ele defende que o subúrbio é a encarnação da privatização móvel, com o lar sendo o foco deste processo.

No começo deste século, o lar experimentou pela primeira vez ser o produto e foco de uma nova ordem de comunicação e informação. O lar privado gradualmente desenvolveu-se para tornar-se dependente de toda uma série de serviços tecnológicos, dos quais o rádio, e mais tarde a televisão, vieram a ser fundamentais. Como analisado por Williams, o carro e o telefone foram outros serviços fundamentais.

Para Silverstone, o subúrbio deveria ser visto tanto como um produto histórico, como uma idéia e como um ideal, e finalmente como "um sintoma de, e uma metáfora para, uma trajetória dominadora da cultura do século XX". Ele inclui o melhor dos dois mundos (rural e urbano), uma ordem funcional bem planejada, com habitações padronizadas onde cada família encontra um lar, conforto e propriedade. Ele tornou-se, e continua a ser a despeito das mudanças, "um foco de privacidade" (floodlit privacy), de onde aqueles que não se ajustam à "camisa-de-força do ideal suburbano" foram excluídos (Silverstone 1994: 53-59).

A vida quotidiana nestes subúrbios da classe média era "centralizada na criança, competitiva, sociável (mas solitária), restrita, dependente de um equilíbrio específico de domesticidade feminina e mobilidade social e geográfica masculina, segurança e ambição", e deste modo, ela "fornece uma personificação concreta de uma utopia moderna ou para muitos, uma distopia" (Silverstone 1994: 60).

Silverstone reconhece a existência de outras manifestações suburbanas ou neo-urbanas, tais como manifestações não planejadas em forma de cinturões, subúrbios com jardins e subúrbios industriais, mas interpreta todos eles como diferentes expressões em busca de um mesmo ideal. Ele não amplia uma análise das diferenças de modos de vida. Desta forma, as premissas para sua análise são bem claras - o subúrbio é um elemento integrado no processo de desenvolvimento do ocidente, tendo um papel central na socialização das pessoas para a modernidade. Ele chama este processo de hibridização suburbana da modernidade.

O processo de suburbanização, defende Silverstone, é o processo cultural central de hibridização. Hibridização é entendida por Marylyn Strathern, e com ela Silverstone, como um processo cultural encerrado dentro da estrutura da modernidade. É um processo estéril e criativo que está incorporado nas vidas vividas nos subúrbios, e mais especificamente, incorporado na crescente tecnologia da vida quotidiana. A

televisão é o principal mediador nesta hibridização suburbana da modernidade.

Subúrbios e Comunicação

A televisão influencia o processo de hibridização suburbana de três formas: 1) reforçando e possibilitando a existência suburbana através da sua presença; 2) oferecendo objetivações dos sonhos e pesadelos do suburbanismo, dentro de suas próprias mitologias dominantes e 3) como uma instituição e um meio - em suas formas e conteúdos, e como um motor de hibridização (Silverstone 1994).

Embora a televisão, de acordo com Silverstone, possa ter sido criada para o subúrbio, não era, e não é, assistida apenas no subúrbio, mas em todo lugar. Seu objetivo é, principalmente, enfatizar o papel dialético da televisão no processo de suburbanização: "Televisão não é apenas um produto tecnológico do processo de desenvolvimento na sociedade, mas é também uma forma e prática cultural que contribui para a suburbanização do mundo" (Silverstone 1994:54).

Dentro deste processo, a tecnologia das nossas vidas modernas influencia nossa relação de natureza com cultura (Strathern 1993 em Silverstone, 1994: 54). Silverstone mais tarde conclui que a hibridização leva à domesticação da esfera pública, um processo cultural que as novas tecnologias, principalmente a televisão, tornaram possível, e o subúrbio incorporou (Silverstone 1994:65). Segundo Silverstone:

O espaço para televisão tinha sido criado por um tecido social e cultural já preparado: um tecido - de fibras naturais e artificiais - que, em sua hibridização fundamental, forneceu um meio ambiente para uma aceitação mais ou menos aceitável de todos os acordos e contradições oferecidos pelo novo meio (Silverstone, 1994:62).

A domesticação da esfera pública está situada no papel transformador dos meios de comunicação domésticos na constituição das esferas - os meios de comunicação tornaram-se cada vez mais importantes para o contato entre a esfera pública das instituições, políticos, ... e a esfera privada dos cidadãos na sociedade.

A análise de John B. Thompson do público.t.4 mediado é de muitas formas relevante à suburbanização de Silverstone, especialmente a análise de Thompson das mudanças de relação entre as esferas públicas e privada; a interação social tornando-se cada vez mais mediada; a política tornando-se um assunto muito mediado, onde a luta por visibilidade torna-se uma chave para o exercício do poder. No público mediado das modernas sociedades "suburbanizadas", o espaço do visível torna-se "um espaço aberto, não-dialógico, não localizado do visível, no qual formas simbólicas podem ser expressadas e recebidas por uma pluralidade de outros não-presentes" (Thompson 1995: 245). A hibridização suburbana, com seu crescente isolamento e remoção de

domesticidade, originário do hábito da sociedade moderna, está correlacionada com este crescente público mediado, observado por Thompson. Todos estes aspectos tornam-se elementos do mesmo processo de desenvolvimento.

Todavia, embora este processo de desenvolvimento pareça global, vale a pena parar e dar uma olhada no processo de desenvolvimento latino americano a fim de contextualizar e detalhar a tendência global para realidades locais.

Suburbanização e modernidade na América Latina

Com o que os subúrbios de Silverstone podem ser comparados na América Latina? Os condomínios de classe média alta parecem ser o equivalente mais próximo - por serem uma forma padronizada de organização urbana, sejam eles grandes complexos de apartamentos ou conjuntos de casas térreas. Eles geralmente têm guardas, e até mesmo postos policiais localizados ao seu redor, a fim de proteger seus moradores da vida sem lei da rua pública. Dentro destas áreas protegidas, a vida é vivida, até certo ponto, de forma semelhante aos modos de vida suburbana descritos por Roger Silverstone. Todavia, os condomínios são na verdade um fenômeno da classe média alta, enquanto que, as associações latino-americanas mais próximas aos subúrbios de Silverstone, são preferivelmente as extensas periferias urbanas de baixa renda, as manifestações em forma de cinturões não planejados, característicos das maiores cidades da América Latina. A maioria das populações vive nestas organizações urbanas, nestes "subúrbios" nos arredores de São Paulo, Cidade do México, Lima, Rio, Buenos Aires, etc.

Todavia, diferentemente do descrito por Silverstone, as pessoas que aí moram não são classe média, elas não vivem em um lugar ideal (longe disto), elas não mudaram-se para lá por livre e espontânea vontade, mas são geralmente forçadas a migrar na procura de empregos/renda. Aproximar-se das metrópoles urbanas e encontrar um lugar para ficar nas enormes periferias torna-se uma estratégia de sobrevivência. Dado que muitas destas áreas começaram como campos de invasores, com casas por eles construídas, a maioria delas está longe de ser padronizada e não constituem nem partes explícitas, nem integradas, dos planos de desenvolvimento urbano. Em alguns mapas, por exemplo de São Paulo, algumas moradias urbanas de baixa renda - áreas de favelas - são simplesmente indicadas como pontos brancos, elas não existem no discurso urbano público. E isto se reflete nos serviços públicos oferecidos - infra-estrutura muito limitada, sem serviço social, transporte público ruim, eletricidade limitada, sistema de água e sistema de esgoto altamente subdesenvolvido, e o único desenvolvimento urbano que eles conhecem é geralmente conseguido após muita luta, em forma de iniciativas individuais ou ações e manifestações cívicas

coletivas. De tempos em tempos, perto da época de eleição, quando os políticos precisam de votos, algumas condições eventualmente são melhoradas. A vida comunitária bem desenvolvida nestas vizinhanças ajuda a melhorar as coisas, e as redes sociais e comuns também ajudam as pessoas a atravessarem condições econômicas difíceis, a encontrar moradia, a organizar privativamente o cuidado com as crianças, a encontrar emprego.

As realidades culturais e sócio-econômicas destas enormes organizações urbanas latino americanas, e moradias da maioria das populações urbanas latino americanas, são o oposto do ideal de vida suburbana de Silverstone, historicamente ligado ao desenvolvimento da massa urbana e industrialização das sociedades européias e norte-americanas. Jesus Martin-Barbero refletiu sobre as formas de vizinhança latino-americanas, procurando na história de vida de seus habitantes e, portanto, no complexo contexto social e cultural destas vidas, as chaves para o entendimento do que constitui a identidade destas pessoas. A vida vivida nestas vizinhanças parece ser de muitas formas muito diferente das vidas vividas no contexto de "suburbia". Martin-Barbero define vizinhanças da seguinte forma:

[...] o grande mediador entre o universo privado do lar e o mundo público da cidade. É um espaço estruturado com base em certos tipos de sociabilidade e "comunicação" entre parentes e "vizinhos". A vizinhança dá ao indivíduo as referências básicas para a construção de um "nós", de uma sociedade mais ampla do que aquela baseada nos laços familiares e, ao mesmo tempo, mais densa e mais estável do que as relações centradas e individualizadas impostas pela sociedade Pertencer a uma vizinhança significa, para as classes populares, ter uma identidade reconhecida sob quaisquer circunstâncias (Martin-Barbero 1993:201)

Contrário à forma polêmica como Silverstone defende que, nos subúrbios cada aspecto da vida social que cria um senso de comunidade está se perdendo (Baumgarter em Silverstone 71), a vizinhança acima descrita constitui comunidades dinâmicas e socialmente vivas. A miséria social, os conflitos sociais e econômicos, a falta de segurança, o desemprego, a situação de imigrantes das áreas rurais, entre outros fatores, tudo contribui para aproximar as pessoas.

A análise de Silverstone de hibridização das culturas e o papel da televisão neste processo tem paralelos com a análise de Martin-Barbero sobre a relação entre cultura e comunicação, onde ele se concentra nos processos (históricos) de mediação, com ênfase especial na cultura popular (Martin-Barbero 1987/1993). Enquanto isso, onde Silverstone se concentra até certo ponto na forma como a TV cresce na vida moderna como uma tecnologização desta vida, Martin-Barbero se concentra na forma

como a televisão contribui para com a continuação das antigas tradições culturais de narração de histórias, melodrama, eventos e sociabilidade.

Suas perspectivas diferentes sobre a relação da televisão com os processos de modernização refletem as diferentes realidades com as quais eles trabalham. A cultura de vizinhança de Martin-Barbero é fundamentalmente diferente do conceito de Silverstone de cultura suburbana. Silverstone defende que o subúrbio:

Constitui uma realidade nova e diferente na qual as distinções cruciais de cultura - e a crucial, mas em constante mudança entre natureza e cultura, - são absorvidas uma na outra, para serem perdidas sob o peso da cultura, do artificial, do tecnológico ... também o colapso da distinção entre corpos e máquinas como metáforas um dos outros são sintomas de uma versão de cultura que é híbrida em essência, a qual é fundamentalmente suburbana (Silverstone, 55-56).

Genericamente falando, parece haver uma artificialidade a cerca da vida nos subúrbios, ilustrativa de alguns tipos de colapsos na distinção fundamental entre natureza e cultura. Tudo torna-se suburbano, uma situação nem-ou caracterizada por Silverstone como "uma versão de cultura que é híbrida em essência". Da forma como interpreto, a cultura de vizinhança de Martin-Barbero contrasta com os subúrbios de Silverstone. Ela parece mais viva, culturalmente mais dinâmica, talvez com mais tensão e contradição, mas também com mais senso de identidade e vida articulada. Basicamente, eles simplesmente expressam práticas culturais diferentes e diferentes mundos.

Textos suburbanos?

Obviamente, realidades diferentes refletem diferentes processos de desenvolvimento. Todavia, ao analisar o papel dos programas de televisão na vida das pessoas, Silverstone e Martin-Barbero mais uma vez têm alguns pontos em comum. Ambos analisam a relação entre gêneros de ficção (subseqüentemente soap opera e telenovelas) e vida cotidiana. A soap opera, defende Silverstone:

1. Fornece imagens da vida suburbana que podem, tanto miticamente e funcionalmente, como formalmente e substancialmente, ser vistas como oferecendo imagens e modelos do modo de vida suburbano.
2. A televisão, tanto em sua programação como na temporalidade específica da narrativa da soap opera em si, fornece um padrão para a estrutura temporal do modo suburbano.
3. Fornece a matéria-prima para unir a comunicação social no meio ambiente suburbano (Silverstone 1994:72-74)

A análise histórica de Martin-Barbero sobre o desenvolvimento da cultura popular, as origens do melodrama e, portanto, das telenovelas, mostra características semelhantes das formas de mediação das telenovelas na vida cotidiana. O mesmo ocorre com meus estudos sobre telenovelas no Brasil. Os gêneros de televisão formam uma parte integrada e constitutiva das culturas contemporâneas e influencia sua organização de tempo, espaço e relações sociais, não apenas dentro da esfera privada do lar, mas na comunidade.

No processo de hibridização cultural, e concentrando-se em como os meios de comunicação social influenciam estes processos, os limites entre as esferas pública e privada são quebrados, são experimentadas novas formas de sociabilidade, as pessoas organizam seus horários de acordo com os programas de TV, e o ritmo de organização da vida na comunidade é desta forma influenciado pela mídia (Martin-Barbero 1987/1993, Tufte 1994 e 1995).

Dada a semelhança entre os gêneros soap opera e telenovelas, baseados nas mesmas estruturas de narrativa e ênfase no melodrama, as descobertas analíticas de Silverstone acima apresentadas têm alguma aplicação aos contextos latino-americanos. Todos os três pontos são reconhecíveis em comparação com as telenovelas. Todavia, aprofundando-se nestas análises completas, as soap operas e telenovelas são também muito diferentes. Um aspecto é a presença maciça das telenovelas na América latina em oposição à presença menos intensa das soap operas nos EUA e no Reino Unido; outras diferenças são, por exemplo, as características das telenovelas como obras abertas, diferentes das soap operas; as telenovelas são um fenômeno do horário nobre (prime time), enquanto as soap operas são transmitidas principalmente durante o dia; as telenovelas são um gênero mais familiar em oposição às soap operas, que são mais explicitamente dirigidas ao público feminino; e finalmente a representação mais explícita do conflito social, mobilidade social e questões sociais de interesse público nas telenovelas é substancialmente diferente das narrativas na maioria das soap operas (veja uma análise mais elaborada destas diferenças em Tufte 1994). Tudo isto nos leva à concluir que telenovelas e soap operas têm papéis significativamente diferentes nos processos também diferentes de hibridização de modernidade em suas respectivas organizações "nativas" (EUA-UK versus América Latina).

5 A ESFERA HÍBRIDA DE SIGNIFICAÇÃO

A fim de concluir a análise sobre a aplicabilidade da teoria de Silverstone sobre televisão e vida cotidiana em diferentes organizações culturais, voltemos a algumas

das descobertas do trabalho empírico no Brasil (Tufte 1994, 1995a/b e 1996a/b). Foi a leitura comparativa de Silverstone em relação às descobertas com esse trabalho que provocaram toda a reflexão exposta neste artigo.

No caso específico do Brasil, efetuou-se um estudo etnográfico de mídia sobre como as mulheres brasileiras de baixa renda usavam a televisão, e telenovelas em específico, nas suas vidas quotidianas. O estudo de caso revelou a existência de uma esfera híbrida de significação, uma zona cinza que interliga os elementos de domesticidade (lar/moradia e comunidades interpretativas) e cultura de vizinhança. Ela expressou uma organização especial de tempo e espaço, ligado à um código de conduta especial, tudo criando uma esfera que é principal na formação do self, de identidade - uma identidade brasileira específica, fortemente nascida da emoção, tendo as telenovelas como agentes principais.

Nesta realidade específica, a esfera híbrida de significação é uma esfera coletiva na qual a televisão tem uma papel constituinte fundamental. A esfera híbrida torna-se o construto simbólico, principalmente no horário nobre (prime time), de onde partem os processos de mediação e hibridização para nossas infinitas práticas da vida diária.

A esfera híbrida de significação requer uma estrutura de entendimento que leva em consideração o processo de desenvolvimento local/regional/nacional, uma estrutura de entendimento que relaciona a organização de tempo, espaço e relações sociais a aspectos de tradição versus modernidade, o discurso rural para o urbano, as tradições de narrativa, os aspectos de gênero, os discursos religiosos e as histórias de vida. O valor explicativo das categorias sociológicas, desenvolvidas em outros contexto ajudam, mas o ponto básico é que eles geralmente são insuficientes nas análises empíricas.

Todavia, e retornando à Silverstone, há alguns pontos e observações óbvias que relevam o grande grau de aplicabilidade dos conceitos de Silverstone e estrutura analítica em outras realidades culturais diferentes de sua própria. Por exemplo quando Silverstone usa os termos de Morse de hibridização como sendo um não-espaço (um vácuo cultural, de acordo com Silverstone), Silverstone defende que é um espaço híbrido, dentro do qual os indivíduos, as famílias e vizinhanças podem criar, de diferentes formas, algo de sua própria cultura e suas próprias identidades: espaços para sonhar assim como espaços para ação" (62). Isto é muito semelhante à minha esfera híbrida de significação.

O mesmo ocorre ao observar-se que tais espaços são um "produto das mudanças tecnológicas e sociais, mas também continuamente reconstruídos nas atividades diárias daqueles que as freqüenta - talvez distraídos, mas apesar disso, participantes,

comprometidos com as lutas em andamento na vida diária" (62-63). Finalmente, Silverstone fala de "um novo tipo de realidade fundida, e que funde, na qual os limites; entre natureza e cultura, país e cidade; e talvez também, entre fantasia e realidade, tornam-se indistintos e inadequados. Aqui, o subúrbio representa uma útil hibridização ... (172)". Silverstone termina concluindo que, surgiu um novo tipo de esfera pública - uma emergência que ele analisa e descreve como uma suburbanização da esfera pública.

A despeito destas muitas observações criteriosas, úteis e "culturalmente conversíveis", repete-se as observações iniciais: sejam cautelosos ao generalizar. Universalismo é algo difícil de se tratar. Concentrem-se na realidade de interesse, realizem análises históricas relevantes, sejam leal à riqueza das descrições densas - nelas está escondida a diversidade cultural, os detalhes. O conceito de um mundo de suburbanização implica bem poucos detalhes e basicamente bem pouca relevância nos processos de desenvolvimento latino-americanos, por exemplo o caso do Brasil.

Alguns pesquisadores sociais obviamente defenderão que conceitos sociológicos clássicos (principalmente europeus) são perfeitamente aplicáveis nos estudos etnográficos modernos na América Latina. Eles podem defender que o processo de integração na moderna sociedade é apenas mais vagaroso nesta parte do mundo. Acredita-se, em relação à história do estudo de caso brasileiro realizado, assim como a vários outros estudos etnográficos de mídia da América Latina, é que não é um processo mais vagaroso de desenvolvimento em direção à uma sociedade moderna, mas simplesmente outro processo de desenvolvimento. Poder-se-ia falar de modernidades diferentes. Todavia, pedir cuidado nas generalizações, não é um argumento para relativismo cultural. É simplesmente uma argumento para contextualização, ou, levando a sério os riscos mencionados por Silverstone: falta de exatidão histórica, universalismo e reducionismo.

Os estudos de mídia empíricos qualitativos são mais do que nunca necessários a fim de entender a sociedade cada vez mais mediada em que vivemos - nisto, Silverstone apontou algumas questões fundamentais relacionadas com a constituição da sociedade e o papel da televisão na mesma. Sua ambição de fazer antropologia sobre a audiência de TV (Silverstone 1990) deveria ser seguida por muitos outros estudiosos no mundo todo.

Buscar maior compreensão sobre o papel da televisão nas nossas vidas cotidianas deve envolver estudos etnográficos de mídia metodologicamente bem elaborados, sócio-historicamente contextualizados, sensíveis à cultura e críticos. Tais estudos deveriam concentrar-se nestas esferas híbridas de significação, estes potes de

fervura de vida vivida, do qual os meios de comunicação de massa são uma parte integral. É daqui que a dinâmica de agência, modernidade e domesticidade dá origem a novos híbridos em nossa organização de tempo, espaço e relações sociais, e novos híbridos em nossa formação dos eus e coletividades, seja entre paraguaios, dinamarqueses, mexicanos ou ingleses.

REFERÊNCIAS

BARRIOS, L. "Television, Telenovelas, and Family Life in Venezuela". In: Lull, J. World **Families weatch Television**. Newbury. Park: Sage, 1988.

BARRIOS, L. **Familia y Television**. Monte Avila Editores Latinoamericana; Caracas, Venezuela, 1992.

BRYCE, Jennifer. "**Family Time and Television Use**" in Lindlof, Tom (ed.) *Natural Audiences*. New Jersey, Norwood Ablex, 1987. 121-38.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Mexico: Editorial Grijalbo, 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia and Mabel Piccini: "Culturas de la ciudad de Mexico: simbolos colectivos y usos del espacio urbano" in Canclini, Nestor Garcia. (ed). "**El Consumo Cultural en Mexico**". Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, México, 1983.

FISKE, John. **Television Culture**. London: Methuen, 1987.

HABERMAS, Jurgen. **The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Culture**, Cambridge, Polity Press, 1989.

HALL, Stuart. "Encoding/decoding". In: Stuart Hall, Dorothy Hobson, Andrew Lowe and Paul Willis (eds.). **Culture, Media, Language**. London: Unwin Hyman, 1980.

HANNERZ, Ulf. **Transnational Connections - culture, people places**. London: Routledge, 1996.

JENSEN, Klaus Bruhn. **Making Sense of the News**. Aarhus: Aarhus University Press, 1986.

JENSEN, Klaus Bruhn and Nicholas Jankowski (eds). **A Handbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research**. London: Routledge, 1991.

LEAL, Ondina Fachel. **A Leitura Social da Novela das Oito**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

LULL, James. **"The Social Uses of Television"**. Human Communication Research. Vol 6, Nº. 3: 195-209, 1980.

LULL, James. **World Families Watch Television**. Newbury Park: Sage, 1988.

LULL, James. **Inside Family Viewing: Ethnographic Research on Television's Audiences**. London: Routledge, 1990.

LULL, James. **Media, communication, culture-a global approach**. Cambridge: Polity Press, 1995.

LULL, James. **The Political Correctness of Cultural Studies**. Paper presented to the bi-annual Scientific Conference of the International Association for Media and Communication Research. Sydney, Australia, August 18-22, 1996.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **De los medios a las mediaciones: Comunicacion, cultura y hegemonia**. Barcelona: Gustavo Gili. 1987,

MARTIN-BARBERO, Jesus. (orig in 1987 in Spanish). **Communication, Culture and Hegemony**. London: Sage, 1993.

MEYROWITZ, J. **No Sense of Place: The impact of eletronic media pn social behaviour**. New York: Oxford University Press, 1985.

MOORES, Shaun. **"Interpreting Audiences – the ethnography of Media Consumption"**. Sage, London, 1993.

MOORES, Shaun. **Satellite Television and Everyday Life – articulating technology**. London: University of Luton Press/John Libbery Media, 1996.

MORLEY, David. **The "Nationwide" Audience**. London: British Film Institute, 1980.

MORLEY, David. **Family Television**. London: Comedia, 1986.

MORLEY, D. and R. Silverstone. "Communication and context: ethnographic perspectives on the media audience". In: K. B. Jensen and N. Jankowski (eds). **A Hanbook of Qualitative Methodologies for Mass Communication Research**. London: Routledge, 1991.

MORSE, Margaret. "An Ontology of Everyday Distraction: The Freeway, the Mall and Television",

TUFTE, Thomas

in Mellemcamp, Patricia (ed.) **Logics of Television, Bloomington and London**, Indiana University Press and British Film Institute, 14-43, 1990.

OROZCO, G. "Recepcion televisiva. Tres aproximaciones y una razon para su estudio", **Cuadernos de comunicacion y practicas sociales**, Nº 2, UIA. México, 1991.

OROZCO, G. "El Comunicador Frente a la Recepcion – hacia una articulacion de las mediaciones en el processo comunicativo" in Orozco: **Al Rescate de los Medios Mexico**: Universidad Iberoamericano, 1994.

RADWAY, J.A. **Reading the Romance**. Women, Patriarchy and Popular Literature. London: Verso, 1983.

RADWAY, J. A. "Reception atudy: Ethnography and the Problems of Dispersed Audiences and Nomadic Subject". In: **Cultural Studies** 2,3: 359-76, 1983.

SEITER, E., H. Borchers, G. Kreutzner, and E. Wartch (eds). **Remote Control: Television, Audiences, and Cultural Power**. London: Routledge, 1989.

SILVERSTONE, Roger. "From Audiences to Consumers: Household and the Consumption of Communication and Information". **European Journal of communication**. Vol 6. Nº. 2: 135-155, 1991.

SILVERSTONE, Roger. **"Television and Everyday life"**. London: Routledge, 1994.

STRATHERN, Marilyn. "Future Kinship and Study of Culture" in Cohen A. and FUKUI, K. (eds) **Humanising the City?** Social Contexts of Life at the Turn of the Millenium, Edinburg University Press, 184-200, 1993.

THOMPSON. E.P. **"The Moral Economy of the English Crowd in the Eighteenth Century"**, Past and Present, 50, pp. 76-136, 1971.

THOMPSON, John B. **The Media and Modernity** – a social theory of the media. Cambridge: Polity Press, 1995.

TUFTE, Thomas. "Living with the Rubbish Queen – a media ethnography about telenovelas in **everyday life of Brazilian women**". Ph.d. thesis. University of Copenhagen, Denmark, 1994.

TUFTE, Thomas. **Media ethnography** – a method, a theory or an overall perspective? Paper presented at the XVIII Intercom Conference, Alagoas, Sergipe, Brazil, September 1995a.

TUFTE, Thomas. "How do telenovelas serve to articulate hybrid cultures in contemporary Brasil?" in The Nordicom Review of Nordic Research on Media and Communication, Nº 2/1995. NORDICOM, Göteborg University, Sweden. Revised Spanish version in Chasqui Nº. 51, CIESPAL, Quito, Ecuador, 1995b.

TUFTE, Thomas. "La Television como un mediador cultural – el caso de las telenovelas Brasileiras" in Jose Marques de Melo (ed). **Identities Latinoamericanos em Tempos de Comunicacao Global**. IMS/UNESCO, São Paulo. Brazil, 1996a.

TUFTE, Thomas. "Estúdios de Midia na America Latina" in **Comunicacao e Sociedade**. Nº 25. São Paulo, Brazil, pp. 21-49. Special Issue on "O pensamento latinoamericano em comunicao, 1996b.

WILLIAMS, Raymons. **Television**: technology and cultural forms. London: Routledge, 1975.

Copyright (c) 1997 Autor(es) / Copyright (c) 1997 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the
authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in
research, educational and non-commercial activities.

